

Cada vez maior a produção cafeeira no Nordeste

O Instituto Brasileiro do Café não tem a menor intenção de redirecionar a lavoura do café, transferindo-a do Sul, onde está sujeita às geadas, para regiões que não sofrem este problema. Quem garante isso é o diretor de produção do IBC, José de Paula Motta Filho. Ele disse que o plano é estimular a produção em todo o País, principalmente no Nordeste, onde houve um grande aumento em relação a 1970, cuja produção era de cem mil sacas, e hoje chega perto de um milhão de sacas.

Esta produção, segundo o IBC ainda é insuficiente até mesmo para atender o mercado nordestino, que consome cerca de um milhão e 300 mil sacas. Mas mesmo que esta produção fosse suficiente para atender todo o Nordeste, o destino deste café não seria conduzido desta forma, pois ele depende da conjuntura econômica do País e do programa de exportações. Assim, muito café do Sul tem de, obrigatoriamente, ser consumido no Nordeste, para melhorar o desequilíbrio da sua produção cafeeira e consumo.

O aumento da produção nordestina de 1970 para 1982, segundo os técnicos do IBC, revelou que em pouco tempo se conseguiu um bom resultado em uma área que, normalmente, tem muitos problemas, sendo o principal deles a estrutura fundiária (documentação das terras), que impedem a solicitação de crédito pelos produtores na hora do plantio.

Mas tudo isso está sendo superado e o café avança no Nordeste, apesar da estiagem, por uma razão muito simples: o solo escolhido para o plantio é praticamente igual ao do Sul. As áreas selecionadas são boas (700 metros de altitude) e em locais onde as chuvas caem com alguma freqüência, longe dos terrenos mais secos.

Outra vantagem: no Nordeste, os obstáculos econômicos são menores, comparados com o Sul, pois a mão-de-obra, muito utilizada nas lavouras do café, é mais barata, tornando o custo final do produto mais em conta para o agricultor. Há, inclusive, estímulos por parte do governo, por ajudar a resolver um grave proble-

ma social na região, o do desemprego, segurando o trabalhador no campo.

Para se ter uma idéia de como o café gera empregos no Nordeste basta seguir um raciocínio lógico. Normalmente, uma família, de no mínimo de cinco pessoas, cuida de três mil covas de café (cerca de 1,5 a dois hectares do produto). Em uma região com 180 milhões de pés, o emprego de mão-de-obra é bastante considerável.

Dos 800 mil a um milhão de sacas esperadas nesta safra, nada menos que 140 milhões

de evem ser produzidas na Bahia, o grande líder no Nordeste, seguidos de 20 milhões de Pernambuco e mais 20 milhões do Ceará, os Estados que mais se destacam a seguir.

O DESTAQUE

O Estado da Bahia é, longe dos outros, o que merece o maior destaque pela sua produção de café. Nos seus dez anos de atividades, a cafeicultura baiana deu mostras de um grande progresso e estes números são a maior prova: em 1972, o Estado registrava a presença de cinco milhões de covas plantadas. Hoje, nada menos que 154 milhões de covas estão plantadas em 67 municípios.

Por áreas, as plantações de café estão localizadas nas regiões de Santa Inês (18 milhões de covas), Jequié (com 16 milhões), Chapada Diamantina (50 milhões) e Vitória da Conquista (com 70 milhões). Nesta última região, não só é encontrada a maior área plantada como pode ser observada a maior produção.

Como novos plantadores, os produtores baianos vêm pagando o preço da inexperience, colhendo um produto instável de ano para ano. Em 1980, a maioria do produto teve boa classificação (entre os tipos cinco e sete). Mas no ano passado, porém, apenas 10% da produção de Vitória da Conquista foram enquadrados no padrão IBC. Este desempenho foi considerado por Antônio Carlos Berenger, chefe do IBC na Bahia, como "um ano anormal", mas o próprio Berenger acredita que esta safra será bem melhor, se tudo correr bem e a classificação alcançar 60% da produção.



Colheita nordestina: 1 milhão de sacas

Arquivo